



## **A universidade e a formação dos médicos: reflexões humanistas a propósito do pensamento de Ortega y Gasset**

*The university and the physicians' education: humanistic reflections regarding Ortega y Gasset*

**Diego Toniolo do Prado**

*Médico formado pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Integrante do programa de aperfeiçoamento para jovens médicos em SOBRAMFA. E-mail: [www.sobramfa.com.br](http://www.sobramfa.com.br)*

**Pablo González Blasco**

*Doutor em Medicina. Diretor científico de SOBRAMFA. E-mail: [pablogb@sobramfa.com.br](mailto:pablogb@sobramfa.com.br)*

*RBM Abr 12 V 69 Especial Oncologia 2*

Unitermos: educação médica, universidade, formação humanista do médico, Ortega y Gasset.

Unterms: medical education, university, humanistic medicine, Ortega y Gasset.

---

### **Sumário**

A obra "Missão da Universidade", que recolhe as conferências que José Ortega y Gasset apresentou aos alunos da Universidade de Madrid em 1920, brinda uma série de considerações de palpitante atualidade e o ponto de partida para a reflexão que os autores elaboram no presente artigo sobre a formação dos médicos. O aluno de medicina dista muito de sair da faculdade completo e pronto para a profissão. Possui conhecimentos detalhados dos variados aspectos da ciência médica, porém lhe falta a capacidade de integrar as informações. E lhe falta um conhecimento vital do destinatário dessa ação médica integrada: do paciente. A pergunta que se impõe é se as faculdades de medicina estão, de fato, formando o profissional adequado para atender as demandas da sociedade. A universidade deve ser a projeção institucional do estudante, conforme o pensamento do filósofo espanhol. A educação universitária tem como objetivo ensinar uma profissão com competência, promover a pesquisa e agregar cultura – imprescindível para saber se posicionar no mundo – nos jovens estudantes. Cabe às faculdades de medicina estabelecer as prioridades do que realmente é possível ensinar ao médico durante os anos de formação, as noções imprescindíveis para ser um profissional competente: um desafio de pouco tempo perante um volume crescente de conhecimento, em que não podem ser os pesquisadores – mas sim os professores, verdadeiros formadores –, os que devem dirigir esse processo. Um processo que vai muito além de despejar conhecimentos e novidades, implica o desafio da formação integral de um profissional que será um formador de opinião: para tal é imprescindível o compromisso do professor que deve ser um facilitador da reflexão, um motivador no processo de aprendizagem.

### **Summary**

The Mission of the University, includes several lectures that the Spanish philosopher José Ortega y Gasset gave in 1920 at the University of Madrid. The ideas there exposed, in which is based the authors' reflection in this paper about the physician's formation, are actual nowadays. Medical students come out from the medical school without being ready for start their new profession. They have broad information regarding several fields of medical science, but they lack integrative knowledge and, more challenging, they are quite deficient in doctor-patient relationship. We need to ask if medical school are indeed, building proper

doctors and competent professionals to meet the needs of the society. In Ortega's words, the University must be the students' institutional projection; therefore, it stands for the students which are the main reason for University to exist. Education at the University aims to teach a profession with competence, to promote research and to build culture, which young people need to find their place in life. Medical schools should establish priorities to decide what could be teach to medical students to become competent physicians: a big challenge that faces relative short time for delivering a huge amount of knowledge. To solve this challenge and get the right priorities we need professors and teachers, not researchers. This educational process is more than delivering knowledge but implies in the integral formation of professionals which would embrace leadership. For this, medical school teachers commitment is required, and they need to hold their role to promote reflection and facilitate the learning process.

Numeração de páginas na revista impressa: **4 à 10**

## **Resumo**

A obra "Missão da Universidade", que recolhe as conferências que José Ortega y Gasset apresentou aos alunos da Universidade de Madrid em 1920, brinda uma série de considerações de palpitante atualidade e o ponto de partida para a reflexão que os autores elaboram no presente artigo sobre a formação dos médicos. O aluno de medicina dista muito de sair da faculdade completo e pronto para a profissão. Possui conhecimentos detalhados dos variados aspectos da ciência médica, porém lhe falta a capacidade de integrar as informações. E lhe falta um conhecimento vital do destinatário dessa ação médica integrada: do paciente. A pergunta que se impõe é se as faculdades de medicina estão, de fato, formando o profissional adequado para atender as demandas da sociedade. A universidade deve ser a projeção institucional do estudante, conforme o pensamento do filósofo espanhol. A educação universitária tem como objetivo ensinar uma profissão com competência, promover a pesquisa e agregar cultura – imprescindível para saber se posicionar no mundo – nos jovens estudantes. Cabe às faculdades de medicina estabelecer as prioridades do que realmente é possível ensinar ao médico durante os anos de formação, as noções imprescindíveis para ser um profissional competente: um desafio de pouco tempo perante um volume crescente de conhecimento, em que não podem ser os pesquisadores – mas sim os professores, verdadeiros formadores –, os que devem dirigir esse processo. Um processo que vai muito além de despejar conhecimentos e novidades, implica o desafio da formação integral de um profissional que será um formador de opinião: para tal é imprescindível o compromisso do professor que deve ser um facilitador da reflexão, um motivador no processo de aprendizagem.

Situando a questão: como saem os médicos das faculdades?

A universidade e com ela as Faculdades de Medicina estão atuando de maneira diferente de sua gênese. Originalmente, o ensino era universal, abordando aspectos filosóficos, técnicos e outros de maneira a contemplar todas as facetas de um ofício. Hoje – basta dar uma olhada nos resultados – vemos o estudante de medicina sair das escolas médicas com conhecimentos impressionantes sobre os variados aspectos da ciência médica, porém lhe falta a capacidade de integrar conhecimentos. E lhe falta um conhecimento vital do destinatário dessa ação médica integrada: do paciente.

A forma de avaliação durante e após a graduação também alimenta este modelo incompleto de médico: afinal, o aluno estuda apenas aquilo que lhe é cobrado nos exames. Questões sobre doenças raras, que não são vistas na prática do generalista, com omissão das enfermidades mais frequentes; perguntas de rodapé que de modo algum medem a capacidade de raciocínio clínico; detalhes acerca de uma determinada especialidade que não teriam vez numa formação geral bem construída. São exemplos de atitudes que condenam a universidade a manter-se no erro.

Além disso, relegam-se à "escola da vida" aspectos importantes que não são exclusivos da medicina e sim de todas as áreas. Para citar exemplos, o médico neófito compreende noções avançadas de doenças raras, seus tratamentos e alternativas, porém não sabe o que é ser

um médico humano, capacidade exigida não apenas pelos hospitais, mas também pela população.

O aluno de medicina dista muito de sair da faculdade completo e pronto para a profissão. É uma carência da qual ele é consciente e, por isso, contemplamos como a semelhança do ensino médio no Brasil, o médico recém-formado ainda enfrenta uma concorrência digna de vestibular para poder entrar na residência. Como bom vestibulando, acaba tendo de fazer curso preparatório, algo que muitas universidades condenam. A crítica teria sentido se a formação recebida na escola médica fosse suficiente para iniciar uma especialização. Mas não é o que acontece. O jovem médico quer garantir o seu futuro, opta por fazer "cursinho" preparatório para o exame de residência e, surpresa, lá encontra uma didática cabível à proposta de passar no concurso, tendo aulas dosadas, aprendendo assuntos que possam ter sido negligenciados ou maladministrados em sala de aula. Se no ensino médio a necessidade de ter de fazer cursinho era sinônimo de aceitar uma formação secundária deficiente, os cursos preparatórios para o ingresso na residência médica são, de fato, o atestado de incompetência da formação universitária na escola médica.

Acusar a formação universitária destes resultados, sem deter-se a pensar nos motivos que provocaram esta situação, seria uma atitude simplista e inútil. Algo análogo a culpar o termômetro pela febre de uma pessoa.

Como pode a universidade atender estas necessidades reais de formação que o aluno, com toda razão, reclama? Responder a esta pergunta exige antes formular outra questão inseparável: a escola médica está, de fato, formando o profissional que pretende? Para tal, deve-se supor que o perfil deste profissional, pensado pelas faculdades de medicina, está bem delineado. E ainda cumpriria acrescentar que deverá tratar-se de um profissional que sabe adequar-se às necessidades da sociedade, quer dizer, alguém de quem a sociedade precisa, pois é assim que a universidade serve a sociedade. É fácil notar a complexidade – e a enorme amplitude – destes temas agora em pauta, que ultrapassam de longe os objetivos do presente trabalho. Centraremos a discussão nos aspectos relativos ao processo formativo, como contribuição específica para o esclarecimento destas questões. Ortega y Gasset, na sua importante obra "Missão da Universidade"<sup>1</sup>, brinda-nos com uma série de considerações que podem ser de grande ajuda na nossa reflexão, pela sua palpitante atualidade.

Ortega e a Missão da Universidade: considerações de 1930 que conservam atualidade

Nascido em Madrid em 1883, José Ortega y Gasset foi um filósofo espanhol notável pela lucidez de suas ideias e pelo elevado intervencionismo delas. Catedrático de Metafísica na Universidade de Madrid, escritor prolífico e colaborador habitual na imprensa, onde publicava muitas das suas obras e conferências. Conviveu com grandes mudanças no mundo: Primeira Guerra Mundial, apoiou a Segunda República Espanhola em 1931 e se desentendeu com o governo republicano que levou o país à Guerra Civil em 1936, exilando-se em Paris, nos Países Baixos e na Argentina. Regressa a Espanha em 1945 e morre em Madrid em 1955, com o diagnóstico de câncer. Escritor de prosa fácil, inteligível e sugestiva, é um dos maiores expoentes de filosofia espanhola e um verdadeiro paradigma entre os pensadores do século XX.

No fim da década de 1920, apresentou aos alunos da Universidade de Madrid uma série de conferências que posteriormente foram transcritas e publicadas (1930, primeira edição) sob o título "Missão da Universidade". Trata-se de uma exposição clara e didática dos aspectos que envolviam o ensino universitário da época. Na verdade as ideias de Ortega, como tantas realidades filosóficas, são atemporais: as questões que comenta são surpreendentemente atuais, sendo possível analisar à luz de suas considerações os problemas que enfrentam as instituições de ensino superior. As dificuldades apontadas pelo influente filósofo espanhol – assim como as que vivemos nos dias de hoje – poderiam ser resumidas em três palavras: desvio de função.

Qual é a Missão da Universidade? Qual deve ser a essência da educação que nela se oferece? Esta é a pergunta inicial que orienta todo o ensaio filosófico. O autor responde: a educação universitária consiste em ensinar uma profissão e promover a investigação científica, preparando futuros pesquisadores. Profissionalismo e pesquisa científica compõem o duplo objetivo da formação universitária, como facilmente se pode observar. Mas, aprofundando nas suas indagações, o autor pergunta se não haverá algo mais que o

universitário deve aprender. Um olhar atento descobre um conjunto de conhecimentos que teoricamente se exige ao estudante, nem sempre se lhe oferece no processo de formação: um universo pouco definido, como um vestígio de saber, subordinado ao nome de "cultura geral".

Em perspectiva histórica, o autor assinala um contraste que é, na verdade, um paradoxo. Compara o peso que essa cultura tem no processo educacional dos nossos dias – quase um elemento ornamental – com o que tinha no início da instituição universitária, há mais de oito séculos. Naquela época pouco havia de profissionalismo e a investigação se encontrava em estágios primitivos. Quase tudo o que se pretendia ensinar era justamente o que hoje denominamos "cultura geral": filosofia, artes, religião, teologia. Mas para a universidade este corpo de conhecimentos nada tinha de "geral" no sentido estreito, e até reducionista, do termo. Era simplesmente cultura, entendendo-se por tal, o sistema de ideias sobre o mundo, sobre a vida, sobre o ser humano e a humanidade, que auxilia na postura que se deve adotar a cada momento para simplesmente viver e assumir as atitudes oportunas. A cultura era e continua sendo, na opinião deste autor, o conjunto de ideias a partir das quais se vive e que vêm a ser como o chão que suporta nossa existência.

Parece natural que o autor se pergunte como é possível formar verdadeiros profissionais e investigadores que careçam dessa postura diante do mundo, do equacionamento da própria vida. Carecem dela porque ninguém lhes mostrou o caminho do aprendizado, porque a universidade não se preocupou com este aspecto essencial da sua formação. E as consequências podem ser altamente nocivas, já que a instituição universitária estaria habilitando profissionais que, quando tenham de sair da estreita matéria do seu conhecimento profissional, atuarão com a ignorância de quem não é culto. E conclui: "Não podemos viver humanamente sem ideias. Delas depende tudo o que fazemos. Cultura não é ornamento, mas é o que salva do naufrágio vital, e o que permite ao homem viver sem que a sua vida seja tragédia sem sentido ou radical envilecimento"<sup>1</sup>.

Missão da Universidade é, portanto, preparar profissionais que sejam capazes de sobreviver no mundo, devendo então aprender não apenas questões específicas de sua área, mas também outras questões devidamente aplicadas, com destaque para a filosofia e a cultura que se deve esperar de um universitário. Conhecer, assim, em que consiste a área de atuação, com a profundidade relativa que é possível e como ela se situa no modelo social vigente. Por colocar um exemplo do universo médico, isso implica tanto questões puramente teóricas (O que é o médico? Qual seu papel na sociedade?) como também a prática específica (Diagnóstico, Tratamento das doenças) e assuntos de ordem geral desse profissional (Como gerir seu consultório? Realizar ou não o marketing?). O exemplo magistral do autor é colocar o conhecimento como um bosque. Conhecer o específico da ciência médica seria parte desse grande bosque, mas o conhecimento necessário para sobreviver seria o bosque inteiro que envolve o que é específico, no caso, a medicina.

Progredindo em suas considerações o autor se interroga sobre o porquê da atividade docente, do ensino universitário. Por que se ensina e o que se pretende ensinar? Em outras palavras: o que é possível ensinar na universidade? A pergunta encerra uma realidade que, hoje em dia, 80 anos depois deste ensaio filosófico, assume maior atualidade pelo natural progresso científico. O princípio da economia de tempo é – segundo Ortega – o que norteia o corpo de conhecimentos que deve ser ensinados na universidade. A escassez de tempo frente ao volume de conhecimentos existentes conduz inevitavelmente a fazer uma escolha do que realmente poderá ser ensinado durante os anos de formação universitária. Torna-se preciso delimitar o que se pode ensinar e o que os estudantes têm de saber, através da definição de prioridades.

Neste ponto, a contribuição de Ortega é de uma clareza contundente: "A universidade deve ser a projeção institucional do estudante". O que equivale a dizer que são as necessidades do estudante o fator que definirá as prioridades, e com elas o corpo de conhecimentos que deverá ser oferecido pela universidade. A universidade é para os estudantes, não para os professores. Assim foi na sua origem e este princípio é a alma do espírito universitário: estudantes que pedem ajuda para serem formados. A organização curricular universitária não deve, pois, partir do volume do saber (tudo o que se poderia ensinar), nem mesmo dos professores (do que eles sabem, do que particularmente consideram importante, ou dos conhecimentos que significativamente dominam), mas sim das necessidades do aluno que Ortega resume em dois princípios básicos. O primeiro é atender o que é estritamente

necessário para a vida efetiva do homem que hoje é estudante e amanhã será um profissional. O segundo, ainda mais restritivo no estabelecimento de prioridades, consiste em escolher dentre estes conhecimentos aqueles que de fato o estudante é capaz de aprender com eficácia.

Os progressos científicos são tantos e tão variados que resulta escasso o tempo disponível para transmitir informações sobre todos eles. Seria preciso se perguntar se é realmente necessário abordar todos os progressos ou ater-se, de modo realista, aos conhecimentos que um médico não pode deixar de saber para graduar-se de modo competente. Uma coisa – diria Ortega – é ser pesquisador e outra diferente é ser professor. O primeiro não implica o segundo. O processo de formação universitária – que deve estar em função do estudante – requer professores que formem os jovens para a vida profissional e não pesquisadores que lhes informem de todas as novidades que surgem no universo científico. O tempo de formação universitária é limitado; é preciso optar pelo que é possível ensinar para construir um bom profissional<sup>2</sup>.

Ensino, pesquisa e formação: um equilíbrio a ser procurado

Estabelecido o papel da universidade na formação cultural do estudante e no preparo efetivo da profissão que pretende desempenhar, o autor aborda o tema da Pesquisa, cuja promoção é também tarefa da universidade. Fazer do universitário um bom profissional, com cultura, não significa necessariamente que tenha de ser um cientista, um pesquisador. A universidade descobre vocações científicas, mas não é o seu primordial objetivo fabricar cientistas. O autor faz notar que a ciência – e por ciência entende pesquisa científica – é tarefa séria, que envolve a vida; por isso, para ser cientista se requer uma vocação tão específica como para ser médico, advogado, filósofo. Não é pesquisa científica aprender uma ciência nem ensiná-la. Pode ser conveniente que quem ensina seja um cientista, mas não é em absoluto necessário: tem, sim, de ser um bom professor daquela área, já que uma coisa é investigar e outra saber. Para ensinar bem, é preciso saber, e não necessariamente ter chegado pelos próprios meios a esse saber.

Esta distinção se torna particularmente importante quando é o futuro do estudante o que está sendo definido. Assim, Ortega considera que pretender que o estudante seja um cientista – quando na verdade entrou na universidade por outro motivo – é projeto insensato. É preciso distinguir o ensino profissional e a investigação científica, e não confundir os termos. Sem dúvida o aprendizado de uma profissão supõe adquirir o conteúdo específico de muitas ciências, mas apenas o conteúdo, não a investigação das mesmas. O estudante é um aprendiz de uma profissão; no caso do médico – o exemplo é ilustrador – da profissão de curar. Mas não é um aprendiz de cientista. Se tiver vocação de médico, não necessariamente tem a de cientista. É preciso distinguir e descobrir as verdadeiras vocações. E conclui textualmente: “Tem sido desastrosa a tendência que levou ao predomínio da pesquisa na universidade. Ela tem sido a causa de que se elimine o principal: a cultura. Além do mais resultou em não cultivar intensamente profissionais ‘ad hoc’. Nas faculdades de Medicina aspira-se a ensinar fisiologia hiperexata ou química estrambótica, mas talvez ninguém se ocupa a sério em pensar o que é hoje ser um bom médico, qual deve ser o tipo de modelo do médico atual”<sup>1</sup>.

As considerações finais de Ortega sobre o tema da Pesquisa Científica na universidade trazem exemplificados aspectos relativos ao ensino da Medicina e, portanto, verdadeiramente oportunos. Comenta o autor que o ensino da profissão na Universidade deve tomar da ciência aquilo que lhe aproveita sem perder de vista o seu objetivo último: formar um bom profissional, prepará-lo para a atividade futura. Por exemplo, a Medicina não é estritamente ou apenas uma ciência, mas primordialmente uma profissão com atividade prática, que se propõe curar ou manter a saúde na espécie humana. E, para bem desempenhá-la, toma da ciência aquilo que lhe aproveita, sem confundir-se com ela. E afirma textualmente: “Nos últimos anos a Medicina se deixou envolver pela ciência e, infiel à sua missão, não soube afirmar devidamente o seu ponto de vista profissional. Cometeu o pecado comum a toda essa época; não aceitar seu destino, olhar de esguelha, querer ser outrem – neste caso, querer ser ciência pura”<sup>1</sup>.

Neste convívio a três – cultura, profissão e pesquisa científica – está situado o cenário da

formação universitária que tem de ser continuamente repensado. A ciência, quando entra no âmbito profissional, deve aprender a desarticular-se como ciência para contribuir com a técnica que ajuda na formação competente de um bom profissional. Com a cultura e a ciência dá-se um dilema semelhante. Muito do que a cultura tem, provém da ciência, mas não é tudo ciência. Esclarecimento importante que marca a diferença do pensamento do cientista que se revelou na metade do século XIX, que pretendia fazer do seu limitado saber o objeto único do conhecimento humano. Por isso, a cultura faz com a ciência o mesmo que já dela faz a profissão: tirar dela o que é vitalmente necessário para a existência. Mas o tempo e o ritmo de ambas são diferentes. A ciência é metódica, não tem pressa, sabe que o progresso científico não pode ser catalisado no tempo, trabalha com perspectivas em longo prazo, que garantem sua seriedade, afastando-a do imediatismo do pseudocientista. Mas a cultura é instrumento para a vida, que é sempre urgente: “a vida nos é disparada à queima-roupa” – conclui Ortega.

Esta perspectiva nos situa diante do grande desafio e missão da universidade: a formação de um profissional competente. Neste contexto deve ser contemplada a pesquisa que, apesar de elemento importante, não pode ter um papel protagonista porque, simplesmente, não é o núcleo da formação que se pretende. Representará, sem dúvida, parte integrante e vital da universidade, gerando novos conhecimentos, que serão agregados com prudência na formação dos jovens profissionais. O pesquisador, o homem de ciência, surgirá espontaneamente em meio ao grupo de homens médios, sendo apenas uma minoria. Assim, portanto, é dever da universidade identificar e encaminhar o novo pesquisador para que seu rumo seja o mais adequado possível. Dessa forma, a universidade e a pesquisa coexistem, conversam, interagem, mas não se misturam. Tem funções e missões diferentes.

Quando estes limites não são claros e transparentes, os resultados da educação universitária distam muito do que se deveria esperar. As faculdades de medicina ensinam uma medicina brilhante, moderna, atualíssima. Um clínico geral bem formado é capaz de feitos dignos de especialistas e mesmo os especialistas são sábios de raríssima capacidade em sua área. Entretanto é fácil comprovar que estes sábios aparentes não sabem muito além da medicina. O estudante de medicina encerra o curso sem conhecer aspectos básicos da vida, essenciais para sobreviver no mundo. Poucos sabem como adquirir uma boa imagem profissional, administrar um consultório, noções econômicas. Ironicamente se cobra a humanização dos médicos, mas não há a preocupação em lecionar o mais básico de todos os passos para tal: filosofia, antropologia, enfim, os caminhos para conhecer o que é o ser humano.

Exige-se pesquisa de todos os acadêmicos, criando-se uma caricatura de médico e pesquisador: tal exigência gera um médico de qualidade inferior e um pesquisador de qualidade ínfima, fracassando-se em ambos os objetivos. Como dito anteriormente, a pesquisa demanda aprofundamento, algo impensável para quem precisa saber de tudo um pouco e tendo tempo limitado para aprender. Um tempo que deveria ser investido, racionalmente, em formar um bom médico generalista, possuidor de conhecimento integrado e de raciocínio clínico. Enfim, um problema de gestão racional dos recursos, no caso, do limitado tempo de que dispomos para fabricar um médico na universidade.

#### Das reflexões a possíveis soluções

Os problemas apontados por Ortega há mais de 80 anos continuam absolutamente vigentes, com o agravante de que o progresso científico – um resultado natural da pesquisa competente – torna o equilíbrio anteriormente postulado muito mais difícil. Se já era um desafio atingir um balanceamento entre o ensino, a formação e a pesquisa nos inícios do passado século, torna-se fácil deduzir a instabilidade deste trinômio hoje, quando o corpo de conhecimentos técnicos experimentou um crescimento notável.

Resolver estes problemas requer começar a aplicar medidas cabíveis, de modo que a universidade retome a missão de uma formação universal dentro de sua área específica de ensino. É preciso abandonar a zona de conforto, o primeiro passo é reconhecer com sinceridade estas questões. Um reconhecimento que deve nascer na postura individual de cada professor, para integrar-se depois num reconhecimento corporativo. Teimar no modelo atual, iludir-se com a alta produção científica e com as avaliações de qualidade – que, dito

de passagem, são estabelecidas pela própria corporação acadêmica, nunca pelo mercado de trabalho, nem pelo cliente – é condenar-se a persistir no equívoco. Não existe pior surdo do que aquele que não quer ouvir.

A mídia, num papel cada vez mais investigativo no nosso país, aponta realidades que desdizem da ostentação com que as faculdades de medicina se acomodam numa suposta excelência. Assim, com a incompetência profissional contemplamos médicos que não sabem como cobrar seus honorários; outros que aplicam preços vis, abaixo do mínimo do mercado, criando uma competição desonesta; e muitos que acreditam que humanizar a medicina é tornar o ambiente agradável, mas sem melhorar seu trato com o paciente, enfim, desconhecendo qualquer parte do mundo além dos conceitos puramente técnicos da medicina.

À luz do princípio da economia de tempo de Ortega – é preciso escolher o que se deve ensinar em função do tempo disponível – haveria que examinar o espinhoso tema da carga horária e distribuição de matérias no curriculum de graduação médica. Enquanto a carga horária das matérias básicas avança inexoravelmente – é campo fecundo em descobertas científicas contínuas – os anos clínicos (principalmente o quarto ano ou equivalente em semestres) configuram-se como uma colcha de retalhos de enorme quantidade de matérias. São, estas, disciplinas de especialidades, ministradas por especialistas em verdadeira corrida contra relógio para conseguir situar o maior número de informação no escasso tempo que lhes é oferecido. Os professores consideram cada respectiva matéria de grande importância; e, de fato, é mesmo importante para eles, que atuam nesse campo específico do saber médico. Mas a importância para um aluno de graduação é relativa.

Selecionar dentre esses conhecimentos aqueles que são absolutamente indispensáveis para um aluno no período de formação, é tarefa que requer uma coordenação externa. A faculdade deve formar médicos generalistas bem preparados – o que poderíamos denominar bons médicos “células-tronco” – que depois tenham capacidade para diferenciar-se em especialistas competentes. Se a formação é deficiente, as “células-tronco” deixarão a desejar, e a especialização posterior não suprirá os defeitos de base. Assim sendo, deveria enfatizar-se o ensino e manejo das doenças mais prevalentes, numa dedicação de tempo proporcional à frequência epidemiológica das moléstias. As doenças menos prevalentes têm de ser abordadas em modelos sindrômicos que permitam ao aluno aprender a buscar informação quando se depararem com elas. Esta proporção é também a que deve presidir as avaliações e provas: deve-se cobrar do aluno aquilo que é ensinado, nunca a mais, nunca a menos, e ser inexorável em sua demanda, nas palavras do próprio Ortega y Gasset.

Poderíamos afirmar que o curriculum de graduação médica é governado por uma variante do princípio de Arquimedes: assim como dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar num fluido, é preciso optar por uma série de conhecimentos e deixar outros de lado. Esta harmonia, tão difícil de estabelecer, como necessária, requereria médicos generalistas nas tarefas docentes, capazes de integrar os conhecimentos e colocar os ingredientes necessários do saber médico na proporção correta<sup>3</sup>. O papel de Arquimedes como árbitro dos corpos no fluido não poderá governar-se com um viés de especialista se pretende um equilíbrio justo. Um recente estudo realizado no nosso meio acadêmico aborda o tema de modo elegante, com o sugestivo título da ecologia da educação médica<sup>4</sup>.

Levar à prática a proposta da adequada proporção de conhecimentos postulada na ecologia médica, implica uma atitude colaborativa por parte de todos os integrantes do corpo docente. Será preciso admitir que os muitos conhecimentos que se possuem como professor, pesquisador e profissional, nem sempre podem ser incluídos no curriculum das diversas matérias, o que não traz nenhum demérito nem diminui sua importância. Necessário será sujeitar-se a transmitir o que é realmente imprescindível para a formação do médico generalista, abrindo mão de profundidades para as quais não há tempo nem lugar. E esta comunicação do saber deve ser feita de modo entusiasta, atualizado, sintético, o que exige uma preparação cuidadosa das aulas e, especialmente, estar atento à interação com os alunos nos seus questionamentos.

Igualmente as provas devem ser preparadas com esmero, com a finalidade de avaliar a capacidade real do aluno e não cobrando detalhes e tópicos de “rodapé”. Se o curriculum deve reger-se por uma proporção epidemiológica das doenças, o mesmo princípio deve

orientar as avaliações. Aventurar-se a medir outras dimensões não técnicas da profissão – cultura e fator humano, capacidade de comunicação, empatia – é também tarefa necessária e, pela dificuldade de traduzir estes aspectos em medidas objetivas, requer um esforço suplementar por parte dos professores, para praticar uma avaliação personalizada, individual, corpo a corpo. O mundo corporativo incorporou este sistema de orientação individual – coaching – como parâmetro de excelência: a universidade não pode ficar alheia aos progressos da sociedade e do mercado.

Ser professor universitário é uma aventura que vai muito além de comunicar conhecimentos através de diapositivos, num esbanjamento inútil do saber: um método que a ninguém aproveita, pois são noções que cada um facilmente pode adquirir pelos próprios meios, confortavelmente, no próprio domicílio. As aulas devem ser experiências inesquecíveis<sup>5</sup>, o professor tem de ser um facilitador de reflexão<sup>6</sup>, um motivador no processo de aprendizagem<sup>7</sup>, pois consegue mostrar os desdobramentos que os tópicos que ensina têm na vida prática diária de um médico.

As possíveis soluções aqui apontadas não são, tecnicamente, difíceis de executar. Mas, como anteriormente comentamos, o ponto de partida tem de ser reconhecer os equívocos e estar disposto a mudar. E aqui surge o maior obstáculo para levá-las à prática. A carreira universitária e o progresso profissional caminham de mão dada com o orgulho, efeito colateral ao qual é preciso estar atento. A vaidade penetra capilarmente entre os louros do prestígio profissional, como parasita nocivo.

Vale aqui lembrar alguns conselhos recentes de quem tem muitas horas do voo na docência e inegável prestígio na produção científica<sup>8</sup>. “A universidade, professores e estudantes que procuram juntos a verdade em todos os saberes ou – como diria Afonso X, o Sábio – esse ‘ajuntamento de mestres e escolares com vontade e capacidade para aprender os saberes’. A universidade foi e deve continuar sendo a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana.” E continua: “Na atividade intelectual e docente, a humildade é também uma virtude indispensável, pois protege da vaidade que fecha o acesso à verdade. Não devemos atrair os estudantes para nós mesmos, mas encaminhá-los para essa verdade que todos procuramos. Neste sentido, os jovens precisam de mestres autênticos: pessoas abertas à verdade total nos diversos ramos do saber, capazes de escutar e viver dentro de si mesmos este diálogo interdisciplinar; pessoas convencidas sobretudo da capacidade humana de avançar a caminho da verdade. A juventude é tempo privilegiado para a busca e o encontro com a verdade. Como já disse Platão: ‘Busca a verdade enquanto és jovem, porque, se o não fizeres, depois escapar-te-á das mãos’ (Parménides, 135d). Esta sublime aspiração é o que de mais valioso podeis transmitir, pessoal e vitalmente, aos vossos estudantes, não simplesmente umas técnicas instrumentais e anônimas nem uns dados frios e utilizáveis apenas funcionalmente”. A conclusão deste autor vem ao encontro do tão procurado balanço que ocupa nossas reflexões: “O ensino não é uma simples transmissão de conteúdos, mas uma formação de jovens a quem deveis compreender e amar, em quem deveis suscitar aquela sede de verdade que possuem no mais fundo de si mesmos e aquele anseio de superação”.

A universidade – universitas – é a que nos proporciona a visão universal, ampla – globalizada, diríamos utilizando um termo atual – que nos habilita a viver como cidadãos portadores de ideias e posturas que nos permitem navegar neste mundo nosso. Deve-se esperar de um universitário – sem dúvida, de um médico que é em muitos países um setor da elite intelectual da sociedade – muito mais do que um conhecimento técnico, umas habilidades específicas como as que se podem adquirir – nenhum demérito nesta afirmação – num curso profissionalizante. Infelizmente, ideias e visão universal são predicados raros, escassos, no meio médico.

Vale lembrar que a universidade deve gozar de autonomia, já que não age submissa ao Estado, servindo-lhe como fonte de funcionários. A função institucional é a criação de indivíduos capacitados à vida profissional, não garantir um influxo de trabalhadores. Sendo assim, a universidade, não importando se é pública ou privada, deve agir tendo esse objetivo em mente. Este aspecto é abordado quando Ortega fala do Estado vil, intervencionista, aspecto pontual de época e do país sobre o qual centra seu discurso. Mas fica aqui a advertência aplicável ao nosso meio: os objetivos governamentais na área de



saúde – louváveis e necessários – geram programas que se acoplam, de um modo ou outro, com as faculdades de medicina, formadoras dos médicos. Atender os projetos do governo é obrigação cidadã, mas transformar o cenário educacional em simples usina de mão-de-obra, esquecendo a missão universitária é insensatez. O curriculum de graduação médica que deve reger-se pelos predicados amplamente discutidos aqui, não pode ser desenhado em cima de um programa de governo, nem abdicar da sua autonomia intelectual em função de compromissos políticos.

No final destas reflexões vai cristalizando o convencimento de que as questões analisadas por Ortega y Gasset na década de 20 do passado século são de palpitante atualidade. Os problemas permanecem, com cara nova, mas análogos na essência. A solução primordial para o início de uma reforma geral, principalmente nas faculdades de medicina, é aceitar que manter o status quo apenas perpetuará o problema, como foi provado ao longo de mais de 80 anos. Orientar os professores, reavaliar os conhecimentos necessários ao médico, rever a forma de avaliação são apenas passos que se seguem automaticamente após ter noção da presença e do vulto dos problemas. Até lá, a universidade de medicina continuará formando pessoas que conhecem medicina, não médicos.

---

## **Bibliografia**

1. Ortega y Gasset J. Misión de la Universidad. Revista de Occidente. Madrid. 1930. (Edição em Português: "Missão da Universidade" EDUERJ, Rio de Janeiro. 1999.)
2. Blasco PG. Humanizando a Medicina: Uma Metodologia com o Cinema. Centro Universitário São Camilo. São Paulo. 2011.
3. Blasco PG. É possível humanizar a Medicina? Reflexões a propósito do uso do Cinema na Educação Médica. O Mundo da saúde. 2010; 34(3): 357-367.
4. Roncoletta, AFT. Ecologia Médica: Uma reavaliação na realidade brasileira, 2010. Tese Doutoral. Faculdade de Medicina da USP. 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5169/tde-25112010-105439/pt-br.php>
5. Finkel D. Teaching with Your Mouth Shut. Boynton/Cook Publishers. Portsmouth. NH. 2000.
6. Bain K. What the Best College teachers do. Harvard University Press. Cambridge. 2004.
7. Palmer PJ. The Courage to Teach. Jossey-Bass. S. Francisco, 1998.
8. Ratzinger J. Bento XVI. Encontro com Jovens Professores Universitários. El Escorial, Espanha, 2011. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2011/august/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20110819\\_docenti-el-escorial\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20110819_docenti-el-escorial_po.html)